

“Não é ruim, mas também não é tão bom assim”

(Lulu Santos)

Caro(a) cliente da Foster,

O primeiro trimestre de 2023 pode ser caracterizado como um período no qual os investidores conviveram com duas grandes incertezas: (i) o rumo da condução da política monetária do Banco Central americano (FED) e (ii) a ausência de um plano econômico do novo governo do presidente Lula no Brasil, em especial, sobre o rumo das contas públicas.

Para os mercados financeiros não há nada pior do que conviver em um ambiente de incerteza. E aqui cabe uma definição importante: em estatística, incerteza é quando se torna impossível estimar cenários e atribuir probabilidades aos mesmos.

Exemplo: em um jogo de futebol há três cenários possíveis. O time A pode vencer, empatar ou perder para o time B. Para cada um desses cenários é razoável atribuir uma probabilidade, o que resulta em um valor esperado daquele evento. A média das pessoas acreditam que há 30% de chance do time A ganhar o jogo, 20% de um empate e 50% de uma vitória do time B. Quando vivemos sobre incerteza, a grande diferença é que não conseguimos atribuir probabilidades para possíveis eventos ou esses exercícios se tornam tão “pobres” em credibilidade que as pessoas desistem de segui-los.

No mundo dos investimentos, quando vivemos sob incerteza, o resultado é um comportamento de completa aversão ao risco por parte dos investidores, que decidem postergar decisões de investimento no aguardo de novos fatos que os ajudem no processo de dissipação dessa nuvem cinza de incerteza.

Feito essa diferenciação de ambiente de negócios, iniciamos o segundo trimestre do ano em um ambiente econômico com um horizonte mais claro. Nos Estados Unidos, os dados de inflação mais amenos e a falência de algumas instituições financeiras levaram os investidores a atribuírem alta probabilidade para o cenário da taxa de juros norte-americana encerrar em breve seu ciclo de alta. O cenário mais provável hoje é um último aumento para então acomodar no patamar próximo de 5% a.a. até que a inflação ceda de forma consistente.

E como já dissemos diversas vezes para vocês em nossas Cartas e reuniões periódicas, os mercados reagem de uma forma imprevisível e isso torna inútil o exercício de tentar acertar o tempo da bola. Até ontem, as principais bolsas americanas, os índices S&P500 e Nasdaq subiam 7,02% e 18,50% respectivamente no ano de 2023.

No Brasil, a grande incerteza que deixou os investidores completamente perdidos foi a dicotomia entre as declarações do presidente Lula vis-à-vis as sinalizações do Ministro da Fazenda, Fernando Haddad, sobre o plano fiscal do governo do PT que substituirá o atual Teto dos Gastos.

No dia 30 de março esse plano foi apresentado pelo Ministro. O tal arcabouço fiscal é pior do que o necessário, mas é melhor do que era temido. O grande receio dos investidores e empresários eram as declarações de membros do PT indicando um aumento de gasto público sem limites, fato esse que paralisou os investimentos e dificultou a manutenção das projeções de inflação dentro da banda almejada pelo Banco Central do Brasil (BCB). Condição, essa, necessária, embora insuficiente, para o BCB iniciar o ciclo de cortes na nossa taxa básica de juros (Selic).

O Fundo Monetário Internacional (FMI) encontra-se agora reunido em Washington (EUA) com investidores do mundo inteiro, incluindo gestores de fundos dos quais você é cotista, apresentando suas análises da conjuntura econômica para os presidentes dos principais Bancos Centrais do mundo. A primeira projeção apresentada pelo FMI diz que a economia mundial terá em 2023 o menor crescimento desde 1990.

Sabemos que a economia mundial precisa desacelerar para que a inflação, um problema mundial, arrefeça e permita que as taxas de juros nos grandes centros financeiros e no Brasil comecem a cair. Afinal, os juros são elevados pelas autoridades monetárias justamente para combater o aumento de preços, já que este processo provoca queda do investimento privado e do consumo das famílias, diminuindo a demanda por bens e serviços.

Julgamos esse cenário acima como provável. Se estivermos corretos, os próximos meses mostrarão uma desaceleração no ritmo da atividade econômica e da inflação nos EUA e no Brasil. Isso permitiria um segundo trimestre positivo para os ativos de risco ao redor do mundo, ainda que o arrefecimento da economia impacte o resultado das empresas (lucros) no curto prazo. Recomendamos alinhar com seu/sua assessor(a) se sua carteira de investimentos está balanceada de acordo com as expectativas definidas ao longo do relacionamento, visando atingir seus objetivos financeiros de longo prazo.

Um grande abraço,

**Equipe Foster**